DO TRIÂNGULO MINEIRO AO NORTE E NORDESTE DO BRASIL: EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS EM UM TRABALHO DE CAMPO

TRIANGLE MINING IN THE NORTH AND NORTHEAST OF BRAZIL: EXPERIENCED LIVED IN A FIELD

Alessandra Rodrigues Guimarães
Discente do curso de Geografia
Universidade Federal de Uberlândia campus Pontal – UFU/Facip
alessandraufu@gmail.com

Mariane Rezende
Discente do curso de Geografia
Universidade Federal de Uberlândia campus Pontal – UFU/Facip
marianerezende@yahoo.com.br

Patrícia Francisca de Matos
Docente do curso de Geografia
Universidade Federal de Uberlândia campus Pontal – UFU/Facip
patriciafmatos@yahoo.com.br

Queli Franco de Oliveira
Discente do curso de Geografia
Universidade Federal de Uberlândia campus Pontal – UFU/Facip
queli_franco@hotmail.com

Valdeir Gervásio de Freitas
Discente do curso de Geografia
Universidade Federal de Uberlândia campus Pontal – UFU/Facip
vgfreitas10@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho consiste na observação e no relato dos discentes do Curso de Geografia que realizaram Trabalho de Campo no Norte e Nordeste brasileiro. O enfoque deste trabalho de campo foi a cidade de Marabá no Pará, São Luís e Barreirinhas, no Estado do Maranhão. Este estudo mostrou a importância da indissociação da teoria e da

prática em Geografia e forneceu subsídios concretos para que os alunos possam falar das regiões estudadas, sem ser equivocados. Com a realização do trabalho de campo ficou perceptível também que o Brasil não é um país homogêneo, sendo que cada região do país possui suas peculiaridades. A realização do trabalho de campo no curso de Geografia é imprescíndivel, pois desta forma, há a união da teoria com a prática, e com isso os alunos conseguem aprender e compreender a dinâmica social que ocorrem nas diversas paisagens existentes no Brasil.
Palavras-chave: Trabalho de Campo, Pará, Maranhão.

ABSTRACT
This work consists of observation and the reporting of students of that course of Geography Fieldwork conducted in northern and northeaster of Brazil. The focus of this fieldwork were the towns of Marabá in Para, São Luís and Barreirinhas, State of Maranhão. This study showed the showed the importance of indissociation theory and practice in geography and provided tangible benefits for the students to talk about the areas studied, without being misleading. With the completion of fieldwork was also noticeable that Brazil is not a homogeneous country, each region of the country has its peculiarities. The completion of fieldwork in Geography course is indispensable, because this way there is the union of theory with practice, and so students can learn and understand the social dynamics that occur indifferent landscapes that exist in Brazil.
Keywords: Fieldwork, Pará, Maranhão.

I INTRODUÇÃO

O presente artigo é um relato de pesquisa, resultante de um trabalho de campo realizado pelos alunos e docentes do curso de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia - Campus Pontal, que abrangeu as disciplinas de Formação do Espaço Brasileiro: Nordeste, do 5º período e Formação do Espaço Brasileiro: Amazônia, estudada no 7º período.

O trabalho de campo no curso de Geografia é considerado uma ferramenta de ensino onde a teoria estudada em sala

de aula se une com a prática, como destaca Alentejano e Rocha-Leão (2006, p.57):

> Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos.

Para a obtenção de êxito na realização de um trabalho de campo é preciso que não seja feita apenas uma mera observação da paisagem, mas se consiga apreender e compreender as relações sociais que nela ocorrem.

O objetivo do trabalho de campo é descobrir, dentro de sua complexidade e globalidade, a realidade de um subsistema social, fazendo um verdadeiro levantamento de terreno, atingindo a essência da realidade, coletando elementos necessários à análise e explicação, aprofundando nas forças e nas relações de produção, e também explorando os níveis ideológicos, políticos e culturais da dinâmica social. (KAISER, 2006).

Assim, a realização de trabalhos de campo nos cursos de graduação em Geografia é de suma importância, uma vez que, é na prática que se aplica o que aprende na teoria. Serpa (2006) define a importância do cumprimento de uma pesquisa de campo:

> [...] afirmamos a necessidade de revelar, através do trabalho de campo em Geografia, as diversas possibilidades de recortar, analisar e conceituar o espaço, de acordo com as questões, metas e objetivos definidos pelo sujeito que pesquisa. O trabalho de campo em Geografia requer a definição de espaços de conceituação adequados aos fenômenos que se deseja estudar. É necessário recortar adequadamente os espaços de conceituação para que sejam revelados e tornados visíveis os fenômenos que se deseja pesquisar e analisar na realidade.

Desse modo, o trabalho de campo realizado para a região Norte e Nordeste teve como finalidade sair do Estado de Minas Gerais com o intuito de estudar duas regiões brasileiras com realidades

(ambientais, sociais, econômicas e culturais) distintas e peculiares, tendo como foco específico as cidades de Marabá (PA), São Luis (MA) e Barreirinhas (MA), (Figura 01).



Figura 01. Trajeto percorrido no trabalho de campo.

II CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CIDADES VISITADAS

O Estado do Pará, localizado na região Norte do Brasil, conta com uma população estimada em 7.431.020 habitantes (IBGE, 2009) ocupando uma área de 1.247.689,515km², ou seja, possui densidade demográfica baixa, de apenas 5hab/km².

A ocupação deste Estado ocorreu inicialmente por holandeses e ingleses, mas seu povoamento solidificou-se com a chegada dos portugueses. Possui uma história marcada por conflitos, como o movimento popular da Cabanagem, e, mais recentemente, pelos

conflitos envolvendo a terra, invasões, grilagens e as disputas pelos grandes latifúndios.

O Pará teve como destaque econômico no inicio do século XX o ciclo da borracha, vindo, posteriormente, ser destacada a produção de madeira e de castanha. Hoje sua economia é baseada principalmente na pecuária, agricultura e mineração[1].

O município do Pará visitado durante o trabalho de campo foi Marabá (Figura 02), localizado entre as coordenadas 05º 21' 54" latitude Sul e 04º 07' 24" longitude Oeste, na porção sudeste do Estado do Pará, entre os rios Itacaiúnas e Tocantins.

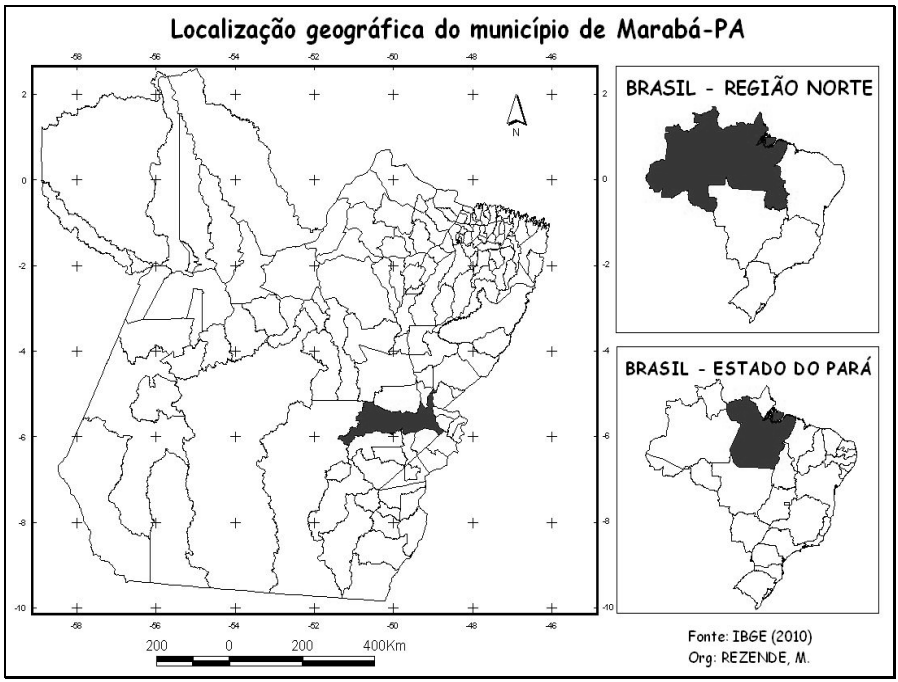


Figura 02. Localização do município de Marabá-PA.

Fundada em 1913, a cidade de Marabá foi explorada por portugueses durante o século XVI, porém permaneceu "desabitada" por quase 300 anos, tendo consolidado seu processo de ocupação apenas a partir de 1890. Seu nome é de origem indígena e significa "filho do prisioneiro" ou "filho da índia com o branco"[1].

Em relação a sua economia, o município de Marabá vivenciou vários ciclos econômicos. Até o início da década de 1880 a economia

era baseada no extrativismo vegetal, porém, a crise da borracha levou o município a um novo ciclo, da castanha-do-pará, que liderou por anos a economia municipal. Com o despontamento da Serra Pelada, Marabá também viveu o ciclo dos garimpos, que teve como destaque maior a extração do ouro.[1]

Nos dias atuais o município é considerado uma fronteira agrícola da Amazônia. Sua economia baseia-se principalmente em atividades indústrias, de siderurgia, agroindústrias, pecuária e também no turismo.

Em relação ao Estado do Maranhão, devido à mistura de aspectos geográficos, ele possui a vantagem de ter a maior diversidade de ecossistemas de todo o País. São 640 quilômetros de extensão de praias, floresta Amazônica, cerrados, mangues, e o único "deserto" do mundo com lagoas de águas cristalinas, denominado de Lençóis Maranhenses. [2]

A origem do Maranhão tem por base a luta entre povos e a luta pelo território. No ano do descobrimento do Brasil, os espanhóis foram os primeiros a chegarem à região onde hoje localiza-se o Maranhão. A partir desse momento, em 1612, os franceses ocuparam definitivamente o Estado. Porém, foram os portugueses que colonizaram a região, a partir do século XVIII[2].

O Estado do Maranhão conta com uma área de aproximadamente 331.983,293 km², com uma população estimada de 6.367.138 pessoas[2] (IBGE, 2009). Possuí 227 municípios e a capital é a cidade de São Luis. A cidade que mais se destaca é a capital, com uma população estimada em 997.098 habitantes (IBGE, 2009), localizada entre as coordenas 2º 31' 47" de latitude Sul, 44º 18' 10" de longitude Oeste. Esse nome se deve a uma homenagem feita ao Rei da França, Luis XIII. A cidade também já foi conhecida como Upaon Açu ou Ilha Grande, segundo a denominação tupinambá para a Ilha de São Luis.

O conjunto urbanístico que compõe o centro histórico da capital maranhense é do século XVII e se constitui num dos mais representativos exemplares do traçado urbano e da tipologia arquitetônica produzidos pela colonização portuguesa. Construções em alvenaria de pedra e argamassa com óleo de peixe, serralheria e

[1] Dados extraídos do site da Prefeitura Municipal de Marabá-PA.
[2] Dados extraídos do site da Prefeitura Municipal de São Luis-MA.

cantarias de origem européia, e madeira de lei. Os mais representativos exemplares da arquitetura de São Luis são os sobrados de fachadas revestidas em azulejos portugueses.[3]

Foi seu histórico que rendeu a São Luis o reconhecimento como Patrimônio da Humanidade. O título, concedido pela UNESCO em 1997, reafirma a importância de um dos maiores conjuntos de arquitetura civil de origem européia no mundo, em um total de três mil e quinhentas construções, em uma área de 250 hectares[3].

Outra atração que este Estado possui é o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, que envolve os municípios de Humberto de Campos, Primeira Cruz, Santo Amaro e Barreirinhas. A cidade de Barreirinhas é uma das portas de entrada para parque dos Lençóis Maranhenses, que foi transformado em parque nacional em 1981 (Figura 03).

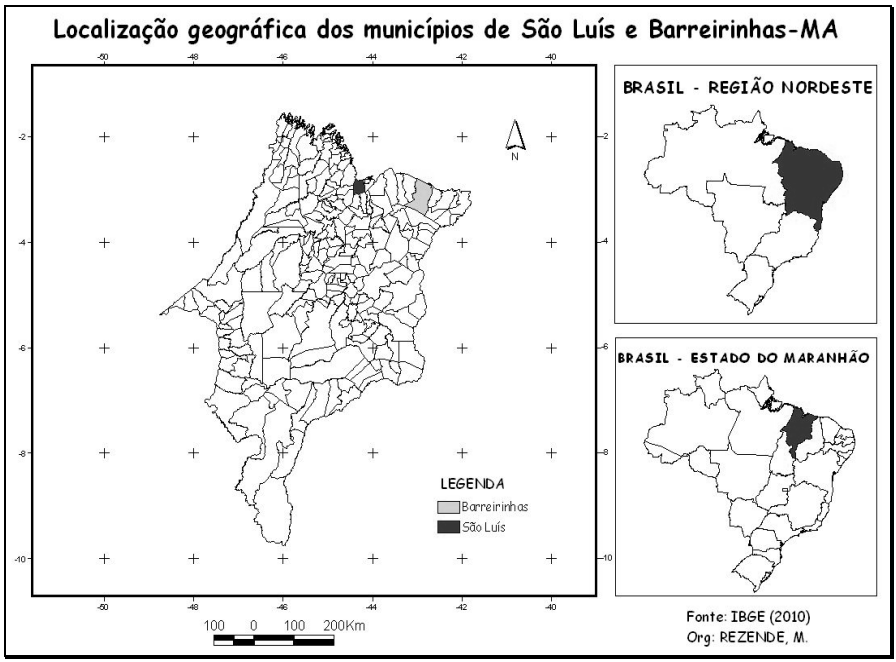


Figura 03. Localização dos municípios de São Luis e Barreirinhas-MA.

[3] Informações extraídas do site da Prefeitura Municipal de São Luis-MA

O parque possui 155 mil hectares de dunas, rios, manguezais e lagoas, estas formadas pelas águas pluviais se espalhando em praticamente toda a área do parque formando uma paisagem incomparável, sendo um raro fenômeno geológico formado ao longo de milhares de anos através da ação da natureza.

Enfim, o Estado do Maranhão possui peculiaridades em relação ao restante do território brasileiro, nele encontramos características distintas e únicas. O Estado é detentor de histórias que fazem parte da cultura brasileira, e que são de grande importância para a formação das nossas tradições.

IV IMPRESSÕES VIVENCIADAS NO TRABALHO DE CAMPO

O trabalho de campo realizado pelo curso de Geografia da Universidade de Uberlândia, campus Pontal, com destino às regiões Norte e Nordeste do Brasil, ocorreu entre os dias 11 e 20 de julho de 2010, com enfoque para as cidades de Marabá, no Estado do Pará e São Luis e Barreirinhas – portal de entrada para os Lençóis Maranhenses –, no Estado do Maranhão, passando pelos Estados de Goiás e Tocantins.

Durante o percurso foi possível constatar que há um forte predomínio da pecuária nos Estados de Goiás, Tocantins e Pará. Ao adentramos o Estado do Pará foi possível ver a transição da vegetação de Cerrado para floresta Amazônica, que tem como principal característica os Babaçus, coqueiros típicos dessa região de transição.

O nosso primeiro foco de estudo foi a cidade Marabá, localizada na parte sudeste do Estado do Pará. Durante dois dias ficamos instalados na cidade que se localiza no ponto de encontro entre dois grandes rios, Tocantins e Itacaiúnas. A cidade é bastante peculiar, com porte de cidade média, já que conta com cerca de 200 mil habitantes (IBGE, 2009).

Outro fator importante é que a cidade de Marabá possui três principais núcleos urbanos, denominados como: Marabá Pioneira, Nova Marabá e Cidade Nova. Estes núcleos são ligados pela rodovia Transamazônica.

A cidade aproveita sua localização privilegiada entre dois rios e usufruí das praias do rio Itacaiúnas como fonte de turismo e de lazer,

no período de estiagem. Outro fato interessante observado é que a cidade carece de cuidados em saneamento básico, sendo que em alguns lugares o esgoto está a "céu aberto".

No segundo dia de pesquisa fomos conhecer a Serra das Andorinhas, um parque estadual de preservação ambiental que possui uma área de 60 mil hectares e engloba oito ecossistemas: sítios arqueológicos (é considerado uma dos maiores do país), gravuras e pinturas rupestres catalogadas; cavernas; grutas e cachoeiras; espécies de animais vertebrados, e diversas espécies vegetais e plantas medicinais, sendo caracterizado como um verdadeiro e grande tesouro natural e histórico.

De acordo com um professor do curso de agronomia da Universidade Federal de Marabá, há cerca de vinte anos, a área era floresta Amazônica, mas foi explorada intensamente, perdendo assim suas características nativas. Ainda, segundo o professor, boa parte da vegetação desmatada não voltará mais a ser floresta.

Seguindo a rota do trabalho de campo, a segunda área de estudo da viagem foi a cidade de São Luis, capital do Estado do Maranhão, mais especificamente na ilha Upaon-Açu (denominação dada pelos índios tupinambás significando "Ilha Grande") no Atlântico Sul.

A cidade possui aproximadamente um milhão de habitantes, sendo a única cidade brasileira fundada pelos franceses. Fazendo observações pelo Centro Histórico de São Luis, foi possível notar que todas as construções do Centro Histórico, datadas da época de sua fundação, possuem alguma influência francesa.

São Luis é riquíssima em manifestações culturais, tais como, o bumba-meu-boi, tambor de crioula, cacuriá, dança portuguesa, quadrilhas juninas, *reggae* e outras. O clima da cidade é quente e úmido, sendo perceptível sua vegetação bastante diversificada, com áreas de manguezais e coqueiros.

No segundo dia de trabalho de campo em São Luis, visitamos a Estação Madeireira da Companhia Vale, onde pudemos verificar na prática as instalações de uma empresa transnacional. A empresa atua na extração, transporte e exportação de minério de ferro, e transporte de passageiros, este último em menor escala.

Também fizemos uma observação pelo campo de trabalho da empresa, onde ocorre todo o processo de separação dos minérios. O representante da Vale que nos acompanhava, falou de alguns dos

programas de sustentabilidade que a empresa desenvolve, tais como, Ação verde - amarela; Ação saúde; cinema nos trilhos, entre outros.

Seguimos viagem para nosso úlltimo destino do trabalho de campo, a cidade de Barreirinhas, ainda no Estado do Maranhão. A cidade é um dos portais de entrada para o Parque dos Lençóis Maranhenses, o qual consiste em uma vasta área de altas dunas de areias brancas e de lagos e lagoas, também conhecido como "deserto" brasileiro, que foi transformado em parque nacional em 1981.

De uma beleza incomparável, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses possui uma área de 155 mil hectares, às margens do Rio Preguiças, e se assemelham a um grande deserto, sendo que as águas pluviais formam lagoas que se espalham em praticamente toda a área do parque, formando uma bela paisagem. Foi possível observar que Barreirinhas é uma cidade que vive basicamente do turismo e do artesanato local.

VI CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do trabalho de campo nos Estados do Pará e Maranhão foi de suma importância para construção e (des)construção de nossos conhecimentos geográficos. Percebemos que muitas das vezes os fatos que são passados pela mídia sobre a região Norte e Nordeste do Brasil não fazem, necessariamente, jus a realidade local.

Quando pensamos em Amazônia, por exemplo, logo lembramos de floretas imensuráveis com grande diversidade em fauna e flora. Mas devemos destacar que estas áreas naturais não convivém separadamente com a atuação do homem sobre o espaço, e, portanto, nem todos os lugares da Amazônia ainda possuem características da vegetação nativa.

Vimos no sudeste do Estado do Pará, principalmente no município de Marabá, que a vegetação natural já foi praticamente toda explorada pelo homem, restando hoje apenas resquísios de floresta Amazônica, prevalecendo aspectos muito mais parecidos com as regiões do Cerrado brasileiro.

No Estado do Maranhão foi possível observar a existência de um paradoxo: de um lado uma capital descuidada pelo governo, com casarões que deviam estar preservados por guardarem a história local,

em péssimo estado de conservação, e, de outro, os Lençóis Maranhanses, um local de beleza natural imensurável.

Com a realização do trabalho de campo ficou percpetível também que o Brasil não é um país homogêneo, pois temos vários "brasis", sendo que cada região do país possui suas peculiaridades. Temos uma diversidade imensa de cultura, povos, clima, vegetação, riqueza e pobreza.

Foi possível fazer uma análise da realidade das duas regiões visitadas, a apresentada pelos livros, pela mídia e a verdadeira realidade local, vivenciada apenas com o contato direto com o objeto de estudo.

Este trabalho de campo mostrou a importância da indissociação da teoria e da prática em Geografia e forneceu subsídios concretos para que os alunos possam falar das regiões estudadas, já que "sem pesquisa de campo ninguém tem o direito a falar" (Mao Tsé Tung).

VIIREFERÊNCIAS

ALENTEJANO, Paulo R. R. & ROCHA-LEÃO, Otávio M. **Trabalho de campo:** uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado?. In: Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 84, p. 51-67, 2006.

IBGE. **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍTICA**. Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso em: 01 de jul. 2010.

KAISER, B. **O geógrafo e a pesquisa de campo.** In: Boletim Paulista de Geografia. SÃO PAULO, nº 84, p. 93-104, 2006.

PMM. **Prefeitura Municipal de Marabá**. Disponível em: <http://www.maraba.pa.gov.br>. Acesso em: 01 de julho de 2010.

PGM. **Portal do Governo do Maranhão**. Disponível em: <http://www.ma.gov.br>. Acesso em: 02 de julho de 2010.

PMSL. **Prefeitura Municipal de São Luis.** Disponível em: <http://www.saoluis.ma.gov.br>. Acesso em: 02 de julho de 2010.

SERPA, A. **O trabalho de campo em Geografia:** uma abordagem teórico-metodológica. In: Boletim Paulista de Geografia. SÃO PAULO, nº 84, p. 7-24, 2006.